

potencialidade do movimento de pichadores como relevante em desenredar as afrontas vividas no cotidiano desde o momento que acordam e não possuem água ao abrir a torneira do banheiro até a volta pra casa quando cansados e tarde precisam enfrentar seus bairros sem calçadas.

Não exatamente uma palavra ou frase, mas por todos os espaços que hoje a pichação ocupa é que observá-las traz um conhecimento de expressão, como se a voz daqueles que vivem o cotidiano na cidade intensamente gritasse dos prédios barulhentos de dia e no sepulcral silêncio à noite. Hoje pichadores são jovens de diferentes profissões e classes sociais o que indica alianças pelo direito de não se calar diante dos outdoors, totens de lojas, balões promocionais e todo outro tipo de letras concorrentes não menos territorialistas que as pichações.



Foto: arquivo pessoal da autora.

Em preto fosco preenchendo quantas superfícies forem visíveis, de portas de banheiro a muros de delegacias, demonstram a potencialidade de não sentirem medo, pois o que desejam é a conversa, o debate em público sem a clausura da justiça e o julgamento.

Usando como fundamento teórico a Ética de Spinoza, séc.XVII, na qual os afetos são ideias dos encontros entre corpos que fazem do ser humano uma variação contínua do existir assim também deveriam ser as cidades ao se transformar não somente pela invariabilidade do poder governante, mas sim pela invenção contínua de todos que as habitam.

As escritas nas ruas há muito tempo são ignoradas e recriminadas, e elas contam histórias! Há uma presença mais viva na invenção e colocação das letras de pichação do que nas apostilas dadas pelas escolas, basta notar que nas pichações em carteiras não só rascunhos de contas são feitos, também desenhos e dos mais anônimos as iniciais do nome de uma paixão platônica.

A pichação é somente um dos caminhos que se pode deixar fruir a pensar a cidade:

“Maio de 68 nos ensinou a ler sobre os muros e, depois, começamos a decifrar os grafites nas prisões, nos asilos e hoje nos banheiros. É todo um ‘novo espírito científico’ que está por ser feito”. (GUATTARI, 1973, p2-3)



Foto: arquivo pessoal da autora.

Da cidade à educação é a pichação uma imagem que complementa a pensar e agir, pois a rua é o cordão umbilical que liga o indivíduo à sociedade, assim disse Victor Hugo.

Referências:

GUATTARI, Félix. Trois milliards de pervers. Recherches, nº12, p. 2-3, 1973.

Sobre a autora:

Juliana A. Jonson Gonçalves. Doutoranda na Faculdade de Educação - UNICAMP. OLHO - Laboratório de Estudos Audiovisuais. PIPOL - Projetos Integrados de Pesquisa On Line.